

Um Exu para chamar de meu: narrativas do percurso religioso de Pai Paulinho de Odé

Artur Cesar Isaia, Zilá Bernd e Marcelo Luis Henriques Silveira

Artur Cesar Isaia

Universidade La Salle – Canoas, RS, Brasil.
E-mail: arturci@uol.com.br
ORCID: 0000-0002-7195-8027

Zilá Bernd

Universidade La Salle – Canoas, RS, Brasil.
E-mail: zila.bernd@unilasalle.edu.br
ORCID: 0000-0002-2546-6099

Marcelo Luis Henriques Silveira

Universidade La Salle – Canoas, RS, Brasil.
E-mail: marcelo.201120050@unilasalle.edu.br
ORCID: 0000-0002-8590-9963

Resumo: O presente artigo está inserido no campo de estudos sobre memória e religiosidade afro-brasileira. O objeto empírico de pesquisa trata do percurso religioso de Pai Paulinho de Odé na Umbanda, dirigente espiritual do Terreiro “Ilê de Odé Tolobum Beociomi”, de Canoas, Rio Grande do Sul. A partir das entrevistas com Pai Paulinho, analisamos suas vivências relacionadas à religião e dialogamos com a bibliografia que serve como suporte teórico-metodológico. A pesquisa tem viés qualitativo e as entrevistas seguiram o protocolo metodológico utilizado em estudos relacionados à História Oral. Abordamos a história de vida de Pai Paulinho: seu nascimento; sua infância, convivendo no Terreiro; a primeira vez que recebeu uma entidade espiritual; e a importância que o sonho teve sobre sua permanência na religião. Concluímos pela extrema centralidade e presença estruturante do Exu e da matrifocalidade das experiências familiares e religiosas.

Palavras-chave: Memória; Autobiografia; Religiões afro-brasileiras.

An Exu to call my own: narratives of the religious path of Pai Paulinho de Odé

Abstract: This article is inserted in the Afro-Brazilian memory and religiosity field. The empirical object of the study is the religious trajectory of Pai Paulinho de Odé in Umbanda, a spiritual leader of the Terreiro “Ilê de Odé Tolobum Beociomi”, in the city of Canoas, Rio Grande do Sul, Brazil. Based on interviews with Pai Paulinho, we analyzed his experiences in religion in dialogue with the bibliography, which serves as theoretical-methodological support. The research has a qualitative nature and the interviews followed the methodological protocol used in studies related to Oral History. We approach Pai Paulinho’s life story: his birth, his childhood living at the Terreiro, the first time he received a spiritual entity and the importance that the dream had on his permanence in religion. The text concludes on the extreme centrality and structuring presence of the Exu and the matrifocality of family and religious experiences.

Keywords: Memory; Autobiography; Afro-brazilian religions.

Un Exu para llamar mío: narrativas del camino religioso de Padre Paulinho de Odé

Resumen: Este artículo se inserta en el campo de estudios sobre la memoria y religiosidad afrobrasileña. El objeto empírico de la investigación trata sobre la trayectoria religiosa de Padre Paulinho de Odé en la Umbanda, director espiritual del Terreiro “Ilê de Odé Tolobum Beociomi”, en la ciudad de Canoas, Rio Grande do Sul, Brasil. El problema de investigación se refiere al comienzo de la relación de Exu en la vida de Padre Paulinho. Los objetivos de este estudio serán, a partir de las entrevistas realizadas a Padre Paulinho, analizar sus experiencias relacionadas con la religión y dialogar con la bibliografía que sirva de soporte teórico-metodológico. La investigación tiene un sesgo cualitativo y las entrevistas siguieron el protocolo metodológico utilizado en los estudios relacionados con la Historia Oral. En el texto abordamos la historia de vida de Padre Paulinho: su nacimiento, su infancia viviendo en el Terreiro, la primera vez que recibió una entidad espiritual y la importancia que el sueño tuvo en su permanencia en la religión.

Palabras clave: Memoria; Autobiografía; Religiones afrobrasileñas.

Introdução

Este artigo está inserido no campo das pesquisas sobre memória e religiosidade afro-brasileira que colaboram para compreender como os indivíduos se relacionam com as práticas dentro dos terreiros e com as entidades que ali são cultuadas. A memória cumpre um papel importante na transmissão oral do conhecimento, que fundamenta a tradição da religião de matriz africana no Brasil (Prandi, 2005). O artigo se refere ao percurso religioso de Pai Paulinho de Odé na Umbanda e versa sobre um sacerdote, dirigente espiritual do Terreiro “Ilê de Odé Tolobum Beociomi”, na cidade de Canoas (RS) e, também, um líder comunitário e vereador na mesma cidade. Suas entrevistas serão apreendidas, relacionando-as com a narratividade da construção identitária (Ricoeur, 2007). Neste sentido, consideramos a entrevista como uma narrativa autobiográfica pela presença do eu enunciador, que exprime fatos relacionados com sua vida e com o seu percurso religioso. Enfatizamos, também, que a entrevista não teve um caráter diretivo, mas foi deixado ao entrevistado todas as condições para exprimir-se livremente.

Ressaltamos a importância da relação com o Exu na vida e na construção da identidade de Pai Paulinho de Odé. O texto vai partir de uma primeira seção mais descritiva, na qual apresentamos o material empírico referente a essa relação. Na segunda parte, essas narrativas serão analisadas, dialogando com a bibliografia que serviu como suporte teórico para a pesquisa.

A entrevista focará o percurso religioso e a importância do Exu presentes nessas narrativas. Bertaux (2005) reafirma a importância do relato oral, já que apresenta uma realidade distante do tempo, espaço e que, ao ser registrada, assume valor documental para a pesquisa. Trabalhando com a oralidade, seguiremos o protocolo metodológico proposto por Alberti (2005) em relação à pesquisa com História Oral. De acordo com esse protocolo, as entrevistas foram transcritas literalmente, enviadas ao entrevistado para conferência e posterior assinatura do Termo de Concordância.

Como suporte teórico, iremos ao encontro da percepção sobre memória de Bernd (2017, 2018) e Halbwachs (2006). Sobre a característica narrativa da memória e sua relação com tempo, chamamos Ricoeur (1994, 2007). Já no tocante à construção narrativa autobiográfica de Pai Paulinho, nos amparamos em Bourdieu (1996) e em Lejeune (2008). Sobre a função social do sonho, questão presente na narrativa de Pai Paulinho, nos amparamos em Bastide (2019). A respeito da Umbanda e de sua inserção na sociedade brasileira, partimos dos estudos de Isaia (1999, 2012, 2019) e Ortiz (1999).

Exu na vida de Pai Paulinho

Em 03 de outubro de 1971, na cidade Canoas (RS), nasceu Paulo Rogério Ambieda, filho da jovem Telma Ambieda e pai desconhecido. Anos mais tarde, Paulo seria reconhecido por toda a comunidade Canoense como Pai Paulinho de Odé, um líder religioso e comunitário.

Sobre seu nascimento, Pai Paulinho conta o que sempre ouviu de sua mãe, sobre o que aconteceu no dia do seu parto: “Segundo a minha mãe, eu tive um parto muito difícil e aí tive, fiquei vermelho, dizem que eu acabei bebendo um pouquinho da água do parto né [...] eu fui levado momentos depois ao Congal de Umbanda aonde eu cuspi a água e fui entregue a Umbanda e melhorei” (Ambieda, Entrevista, 2019).

Tal ritual de entrega de um recém-nascido é comum entre os iniciados nas religiões de matriz africana. Para os seguidores das mesmas, a partir daquele momento, a criança terá assegurada a proteção em sua vida, fruto das bênçãos conferidas pelas entidades espirituais familiares, o Terreiro.

A proximidade de Pai Paulinho com a Umbanda, teria vindo por meio de sua mãe, a qual, na época de seu nascimento, já era iniciada na religião há mais de vinte e cinco anos. Ela era médium no Terreiro dirigido por Mãe Tereza do Cacique Arranca Toco, o qual ficava nas proximidades da sua casa, a apenas cinco casas de onde moravam. No terreiro, o jovem Paulo admite ter aprendido o sentido de alguns valores, que os levou para sua existência: “Então, a minha vida foi em volta daquele Terreiro e é naquele Terreiro que eu aprendi junto com a minha família o entendimento de união [...] de darmos as mãos, de resolver de forma cooperativa, cooperação as coisas, a importância de passar um certo sacrifício, trabalhando, ajudando no terreiro, limpando dia e noite” (Ambieda, Entrevista, 2019).

Sobre sua primeira experiência como médium, Pai Paulinho relata que, durante sua infância e adolescência, esteve sempre envolvido com as práticas religiosas no Terreiro. Mesmo jovem, durante uma sessão de Umbanda, teria sentido, pela primeira vez, as consideradas “vibrações mediúnicas” da entidade que, logo em seguida, iria se manifestar em seu corpo: “Então com quatorze anos de idade eu não consegui me controlar, me senti como se tivesse caído em um buraco negro, a primeira entidade que eu recebi foi o seu Sete Covas que veio em uma sessão de Umbanda [...] naquela época tu receber um Exu primeiro era algo inaceitável, difícil, raro mas aconteceu comigo” (Ambieda, Entrevista, 2019).

Na década de 1980, Pai Paulinho explica que o Exu ainda era visto pela sociedade como uma figura demoníaca e, por isso, fazia com que tivesse muitas dúvidas em relação à chegada desse tipo de entidade nos médiuns. Segundo ele, sua avó teria sido uma pessoa muito espiritualizada, já que transitava em várias religiões:

A minha vó, ela ia domingo na missa, ela pegava um copinho de água e rezava com o pastor Marino Moreira, ela acreditava nos evangélicos [...] ela ia na missa dos católicos e segunda-feira era a sessão de Umbanda, tomar passe com a Jurema, da minha mãe e com a Pomba Gira da minha mãe, as Sete Encruzilhadas. Então ela entendia que as religiões [...] que quando feitas para o bem, levam para o mesmo lugar que para a evolução (Ambieda, Entrevista, 2019).

Para poder entender um pouco mais sobre o que era a Umbanda e sua trajetória, Pai Paulinho conta que resolveu recorrer a livros que pudessem esclarecer mais sobre todo aquele universo mítico em que ele e sua família estavam inseridos. Nesse sentido, a narrativa do entrevistado ganha mais inteligibilidade, ao articularmos a mesma com os estudos de Isaia (1999, 2019), que discute o papel do livro na construção identitária da Umbanda no Brasil.

Naquele momento eu estava lendo alguns livros de Allan Kardec, de espiritismo, que têm uma grande identidade com a Umbanda, que inclusive o Kardecismo é uma raiz, é a principal raiz da Umbanda [...] a Umbanda é a religião genuinamente brasileira, formada aqui no Brasil por Zélio Fernandino de Moraes, que era um médium espírita [...] em 1908 no Rio de Janeiro no dia 15 de novembro, primeira manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas (Ambieda, Entrevista, 2019).

Segundo a narrativa autobiográfica de Pai Paulinho, apesar de ter recorrido aos livros, ele ainda tinha muitas dúvidas sobre seu destino dentro da religião. Foi, então, que resolveu recorrer aos conselhos de sua avó para tentar obter as respostas necessárias, que poderiam ser determinantes naquele momento tão cheio de questionamentos. Pai Paulinho narra o conselho que recebeu de sua avó:

Hoje tu vai dormir mais cedo, não janta, ou então come só uma frutinha [...] reza como tu nunca rezou na tua vida do teu jeito [...], primeiro tu agradece a Deus, depois tu pede perdão porque a gente erra e depois tu faz teus pedidos [...], mas faz isso com pensamento e pede para que Deus te dê um sinal, te dê uma luz, que ele vai te dar (Ambieda, Entrevista, 2019).

Naquela noite, Pai Paulinho relata ter caído em um sono profundo e ter tido um sonho carregado de respostas para seus questionamentos:

Eu acordei num portão gigante de ferro, depois eu percebi que era um cemitério, que parceria muito com essa da Barreto aqui em Canoas [...], era parecido, mas não era o mesmo cemitério [...], alguém me chamava [...] e fui caminhando em direção aquele portão [...], um maior [...], tinha uma imagem de São Jorge gigante na frente do portão, com a cruz no peito [...], era o Ogum Megê. E, ao mesmo tempo que eu tinha medo, ao mesmo tempo eu tinha que ter coragem, porque eu sabia que aquilo ali era um esclarecimento para mim e alguém me chamou, me chamaram psi, ei, ei, venha cá, venha cá, com sotaque nordestino [...] eu saldei São Jorge, vi que tinha um homem vestido todo de branco, chapéu branco, sapato preto e branco, uma gravata preta e o chapéu enfiado no nariz e com a cabeça baixa [...], me chamava com as mão para trás, ele não mostrava as mãos e nem o rosto, ele dizia: tu pode confiar em mim, eu sou teu amigo, eu estou aqui a pedido dos Orixás, eu sou mensageiro dos Orixás (Ambieda, Entrevista, 2019).

Pai Paulinho interrompe a narrativa autobiográfica de seu sonho para explicar a função que esse espírito, o Exu, revelado através do sonho, tem dentro do universo mítico da religião afro-brasileira. Conforme Pai Paulinho, o Exu serve como mensageiro de entidades mais evoluídas como Caboclos, Pretos Velhos, Orixás e, por meio desse trabalho que lhe é conferido, tem a oportunidade de evoluir espiritualmente. E ainda revela que:

Eles têm o livre arbítrio e que grande parte deles são antepassados nossos [...], porque nós temos um resgate com eles, porque nós fizemos mal a essa pessoa ou essa pessoa fez mal a nós e hoje eles vêm na gente, não digo que todos, mas uma boa parte deles, ele me disse que são antepassados nossos bisavó, tataravó, tataravô são ligados a nós, por isso que nós recebemos eles com nome de Exu (Ambieda, Entrevista, 2019).

Seguindo a narrativa sobre o sonho, Pai Paulinho conta que o Exu também relatou a sua história de vida desse, enquanto estava “encarnado”:

O Estado era Bahia, a capital Salvador, onde era essa fazenda, isso em meados de 1800 [...], quando vivo na terra chamava-se João Paulo da Silva, o nome dele, ele morreu com dezessete anos de idade [...], ele era filho de branco com negro, o dono da fazenda estuprou a mãe dele, uma negra muito bonita, isso era muito comum na época, então, o pai dele era dono, era um francês, um homem claro, de olho claro e uma mulher negra, então ele saiu um negro de olho claro e ele era muito grande, muito bonito. [...] segundo o relato dele, muito alto, então com sete, oito anos de idade parecia que ele tinha quinze anos de idade [...] então com 17 anos de idade parecia um homem com 30, até por causa do sacrifício né, do trabalho [...] se não me falha a memória, ele era festeiro, farrista, fugia

da senzala para ir para as festas com as mulheres, apesar de muito novo ele era muito grande, então, as pessoas pensavam que ele tinha mais idade [...] e quem criou ele foi uma preta velha [...] vovó Rita [...] depois que o, que o dono da fazenda o pai dele, esse francês, percebeu que ele era realmente filho dele, tirou ele das plantações, do trabalho mais forte e colocou ele [...] a cuidar do cemitério da fazenda, então, ele era uma espécie de coveiro e zelador do cemitério [...] então, ele tinha uma raiva muito grande do pai por ter matado a mãe dele, ter estuprado ela [...] então, ele era tipo um rebelde político também da fazenda, um mini Zumbi dos Palmares [...] ali o jovem, por toda a rebeldia, de bater de frente com o pai dele, defender os escravos, acabou brigando com um capataz do pai dele e matando essa pessoa na briga, para salvar a sua vida e de outros negros [...] e ele foi morto, cozinhado vivo em banha quente, banha de animal [...] fizeram isso publicamente para dar de exemplo (Ambieda, Entrevista, 2019).

Pai Paulinho esclarece que o espírito que se apresentou em seu sonho era o Exu Caveirinha. O Exu Caveirinha não teria sido a primeira entidade que ele teria recebido enquanto médium:

O Exu que eu recebi, o primeiro, Sete Covas era muito velho e muito forte [...], o transe dele é muito forte, tinha que trazer uma outra entidade que tivesse mais condições de incorporar em mim sem me prejudicar, ser mais público, então, nessa transição depois desse sonho eu comecei a receber o Caveirinha [...], o Sete Covas não se acostumou com certas modernidades da religião e o Caveirinha se adaptou, até por esse lado festeiro dele, esse lado alegre (Ambieda, Entrevista, 2019).

Em sua narrativa memorial, Pai Paulinho afirma que aquele jovem, cheio de dúvidas quanto ao seu futuro dentro da religião, após um sonho revelador, já tinha respostas para seus anseios:

Então, os Orixás, meu caboclo Oxóssi, seu Sete Covas, enviaram o seu Caveirinha, o seu João Paulo da Silva, para ele me explicar aquilo que eu não sabia com 14 anos de idade [...] então, eu 'tô até hoje convicto que essa é a minha missão, eu fui entregue para a religião [...], se eu não fosse entregue, eu me entregaria, porque religião não se faz por obrigação, religião se faz por dor, religião se faz por amor né, eu acho que todos nós temos a mesma missão conceitual no mundo, evoluir e ajudar na evolução do próximo, dos outros (Ambieda, Entrevista, 2019).

Exu: sentidos possíveis nas narrativas de Pai Paulinho

Para a análise das narrativas de Pai Paulinho, sobre como sua vida desde muito cedo esteve ligada ao culto de matriz africana, faz-se necessário compreender como a formação identitária do sujeito estaria relacionada com a memória individual, coletiva e cultural.

Halbwachs (2006, p. 36) afirma que a memória individual estaria diretamente relacionada com a memória coletiva, visto que o ato de rememorar o passado só é possível “quando nos colocamos no ponto de vista de um ou mais grupos e de nos situar novamente em uma ou mais correntes do pensamento coletivo”. Portanto, tais alterações ocorrem quando o sujeito consciente da sua memória individual ressignifica sua existência, a partir das interações com o grupo a que pertence, moldando-se a partir das memórias coletivas.

Ao analisar como foram transmitidos os conhecimentos da tradição africana dentro do terreiro que Pai Paulinho frequentou, reiteramos a centralidade da memória, das narrativas dos ancestrais e do poder desfrutado por aqueles capazes de evocar esta memória: os mais velhos e mais experientes na trajetória religiosa (Prandi, 2005).

No caso aqui analisado, evidencia-se a presença e autoridade memorial de sua mãe e sua avó. Pelos trechos das narrativas de Pai Paulinho, percebemos a importância dos ensinamentos transmitidos, tanto por sua mãe quanto por sua avó, personagem esta que teve um papel fundamental em sua decisão de seguir a religião de matriz africana.

Bernd (2017, 2018) percebe que fazem parte da memória cultural, os elementos pertencentes à esfera do sensível e do simbólico, assim como os ícones, rituais, além dos templos. Como o Terreiro está impregnado com os elementos e práticas que compõem esse universo mítico, a memória cumpre a função de preservar a cultura através do tempo.

Como nossa pesquisa apoiou-se na entrevista de Pai Paulinho, devemos, portanto, discutir sobre a característica narrativa da memória e sua conexão com o tempo. Ricoeur (1994, p. 85) afirma que “o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal”. Ao narrar sua trajetória de vida, o sujeito procura, então, renovar e compreender o tempo passado, não importando a veracidade dos fatos ocorridos, mas sim, dando um sentido, não apenas a essas narrativas, mas à sua própria vida (Bourdieu, 1996).

Com o intuito de compreender como Pai Paulinho constrói sua identidade, conseguimos perceber, por meio de suas narrativas memoriais, seu esforço em criar uma coerência e significado para sua trajetória de vida. Mesmo não endossando, em última instância, que o indivíduo cria simplesmente uma “ilusão biográfica”, concordamos com Bourdieu (1996), no tocante de que a narrativa autobiográfica revela um esforço em criar um sentido à existência. Ora, esse esforço autobiográfico em emprestar um sentido à vida do narrador não é simplesmente mentirosa, quimérica, ilusória. A autobiografia, nesse caso, teria uma pertinência cognitiva (Oliveira, 2017). Essa pertinência seria avaliada por Ricoeur (1994), a partir do reconhecimento do estatuto narrativo da memória e da identidade. Nesse sentido, Ricoeur (1994) nos mostra que a constituição da identidade pessoal e mesmo das identidades comunitárias passa por uma configuração e uma refiguração narrativa. Em outras palavras, para Ricoeur (1994) não existiria memória, nem identidade, sem a função mediadora principal desempenhada pela narrativa. E esta é sempre seletiva, portanto, situacional com referência ao lugar social ocupado pelo sujeito.

Assim, assumimos plenamente a dimensão narrativa, pessoal, seletiva da memória e da construção identitária. Dessa forma, Pai Paulinho, ao contar o que ouviu de sua mãe sobre seu parto, procura mostrar que não é uma pessoa comum, visto que, desde sua chegada ao mundo, lutou para sobreviver. Dessa forma, sua trajetória de vida passa a ser vista como única e heroica. No momento em que o sujeito abre o baú de suas memórias, ele procura dar sentido ao relato de si mesmo, reafirmando sua conduta, a partir da forma como se apresenta para a sociedade. Lejeune (2008, p. 16) define esse tipo de autobiografia como uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular, a história de sua personalidade”.

Pai Paulinho narra que, em sua adolescência, começa a se questionar sobre como seria sua vida pessoal no futuro, caso se entregasse por completo à religião. Tais dúvidas ocorreram após ter sua primeira experiência mediúnicamente dentro do Terreiro, com a manifestação espiritual de um Exu em seu

corpo. Para os umbandistas daquela época, seu universo religioso estava dividido em dois polos: de um lado a Umbanda, que domina o bem, e de outro a Quimbanda, que domina o mal (Ortiz, 1999). Portanto, naquela época, o Exu era protagonista na Quimbanda, modalidade oposta à Umbanda e considerada como magia negra. Essa visão esquemática e binária é típica da estruturação da Umbanda na primeira metade do século XX (Isaia, 2012). Segundo Pai Paulinho, a manifestação do Exu no corpo de um rapaz tão jovem teria sido quase que inaceitável dentro do Terreiro, ainda em um passado recente.

A narrativa de Pai Paulinho remete a algumas evidências empíricas extremamente importantes para a compreensão do seu universo mítico, dos sentidos que construiu para a sua vida e identidade. Entre essas evidências, duas nos parecem seminais: a ausência da figura paterna; e a influência da matrifocalidade das suas experiências religiosas e familiares. Além da importância da figura materna como já praticante da Umbanda, a narrativa de Pai Paulinho valoriza, extremamente, a presença da sua avó. E é justamente essa figura, com seus conselhos anteriormente citados, que aparece relacionada ao sonho tido como revelação da sua missão terrena. Vários autores como Bernardo (2005), Landes (1967) e Verger (1986) evidenciaram a matrifocalidade como central, tanto no passado africano quanto na diáspora. Essa importante característica guardou continuidade nas religiões afro-brasileiras, com a valorização da figura feminina como a “detentora do poder religioso” (Bernardo, 2005, p. 15). Silva (2010) salienta que o protagonismo feminino persistiu, mesmo no processo de desafricanização simbólica existente na diáspora, processo no qual, não só a Umbanda (Ortiz, 1999) faz parte, mas o próprio Candomblé é integrante (Prandi, 2001).

Imagem 1: A presença da matrifocalidade nas narrativas de Pai Paulinho; Sua mãe e a familiaridade com os Exus



Fonte: Arquivo pessoal de Paulo Rogério Ambieda.

Como já exposto, Pai Paulinho era filho de pai desconhecido e esta realidade foi fundamental para que sua experiência familiar e religiosa tivesse na matrifocalidade um forte acento. Tanto seu núcleo familiar privilegiou a importância feminina, quanto sua experiência religiosa foi permeada pela autoridade feminina. Mesmo valorizando em sua narrativa autobiográfica a ascendência de uma entidade masculina,

fálica como o Exu, a figura feminina aparece com centralidade quando analisamos sua trajetória na religião. Assim, a imagem 1, por exemplo, mostra como a figura materna é proeminente em seu esforço narrativo. Se os Exus celebram o poder masculino no panteão umbandista, é sua mãe carnal que aparece a seu lado, como referencial doutrinário e humano.

De sua mãe, já iniciada na Umbanda, vieram os referenciais religiosos que mais tarde desenvolveria. De outra mulher, mãe Tereza do Cacique Arranca Toco veio a herança e a autoridade religiosa vivenciada por sua mãe carnal. De sua avó veio o acatamento de uma sabedoria, com explícitas relações com o reconhecimento da senioridade como forma de autoridade nas religiões afro-brasileiras (Eugênio, 2012). É justamente a relação com a senioridade e matrifocalidade que aparece relacionada ao sonho tido como revelação na narrativa memorial de Pai Paulinho. É interessante que na narrativa, Pai Paulinho claramente reconhece a autoridade espiritual de sua avó como acima do conhecimento, ao qual buscava na leitura dos livros de Espiritismo e Umbanda. Na sua narrativa, seguindo as orientações da sua avó é que Pai Paulinho chega ao julgado encontro espiritual com seu Exu, referencial importantíssimo na sua construção memorial e identitária. Todo o cenário e o personagem que faziam parte do sonho descrito por Pai Paulinho, em sua narrativa, parecem remeter ao meio social em que ele estava inserido. Bastide (2019), incorporando teses psicanalíticas, já afirmava que a sociedade também influencia aquilo que se apresenta nesse momento mais íntimo da subjetividade e da memória individual: o sonho. Para um iniciado nas religiões de matriz africana, um sonho pode significar um chamamento dos deuses:

A primeira etapa que levará ao aprendizado do transe, seja porque as imagens oníricas, os gestos mímicos das pessoas possuídas por suas divindades, os conteúdos dos delírios se relacionam com o mesmo mundo místico ou sobrenatural que irrompe no mundo profano pelos caminhos da noite, das cerimônias religiosas ou da ruptura entre o corpo e a alma (Bastide, 2019, p. 25).

Nesse sonho, o Exu se revela para explicar a Pai Paulinho a sua função como entidade no mundo espiritual. O Exu, então, chama Pai Paulinho para dentro de um cemitério, afirmando ao jovem que não é do mal, mas que estava ali como mensageiro dos Orixás.

Na narrativa do sonho, Pai Paulinho, antes de entrar no cemitério, saúda a imagem de Ogum Megê no portão. Ogum Megê não estaria ali por acaso. Ortiz (1999, p. 140) diz que “a vigilância desses santos reforça a ordem religiosa: deixar os Exus livres significaria perder o controle da situação”, já que a entidade, mesmo tendo licença para se comunicar, ainda estaria em fase de evolução.

A partir da narrativa de Pai Paulinho, a história de vida da entidade encarnada como João Paulo da Silva ganha contornos de precisão narrativa: foi morto por um capataz da fazenda, cozido em banha quente frente aos outros escravos, para assim justificar o que ocorre com um negro que tem má conduta. Portanto, vamos ao encontro dos estudos que relacionam a figura do Exu ao negro marginal. É dessa forma que Lapassade (1971) trata o estereótipo identitário dos Exus na chamada Quimbanda. Para o autor, os Exus na Quimbanda revelariam um negro insubmisso, detentor de conhecimentos mágicos, capazes de se revoltar contra o predomínio branco e exercer seus poderes mágicos para atingirem seus

opressores. Ao contrário do estereótipo identitário negro cultuado na Umbanda, os Pretos Velhos, submissos e sem forças físicas para a revolta, as entidades cultuadas na Quimbanda, pertenceriam ao domínio da contracultura e da insubordinação.

Assim, a importância do Exu na narrativa memorial e autobiográfica de Pai Paulinho indica a importância do mesmo como entidade dotada de atributos de fácil identificação popular, daí os dividendos simbólicos dessa aproximação. Compreendemos a valorização do Exu na sua construção identitária ao lembrarmos as palavras de Monique Augras (1980, p. 104), capazes de sintetizar, admiravelmente, o universo simbólico nele representado: “Exu é a vida, com todas as suas contradições e sínteses”.

Considerações finais

O estudo da narrativa memorial e autobiográfica de Pai Paulinho reafirmou nosso posicionamento a respeito do papel primordial e simultâneo das interações sociais e das criações subjetivas, tanto na formação da identidade, quanto como nexos compreensivos dessas narrativas (Bertaux, 2005).

Por meio da narrativa memorial utilizada neste estudo, percebemos que existe uma identificação entre Pai Paulinho e o Exu, à qual, por meio do sonho, revelou-se. A entidade acompanha o dirigente espiritual há mais de trinta anos, desde sua chegada ainda adolescente até os dias atuais. Ela promove conforto e abertura de caminhos a todos que o rodeiam. Além do ganho espiritual, o Exu, enquanto entidade, traz consigo uma luta contra a opressão que sofreu de seus algozes, na época que era João Paulo da Silva. Tal representatividade social que um Exu tem em sua comunidade, colabora com a manutenção das práticas religiosas para além dos limites do terreiro e fomenta uma contenda contra a discriminação que o culto de matriz africana sofre da sociedade dominante por séculos.

Longe de esgotar o assunto referente à construção autobiográfica e identitária de Pai Paulinho, este texto fixou-se em um elemento importantíssimo da sua narrativa memorial: o sonho com “seu” Exu. Mais do que o evidente apelo popular de uma entidade extremamente familiar ao universo mitológico umbandista, capaz de guardar relações empáticas muito vivas com seus consulentes, o sonho tido como revelatório por Pai Paulinho, é um marco nas suas narrativas autobiográficas. Como enfatizou Ricoeur (2007, p. 133), salientando o que chama de a “ambição veritativa da memória”, “é no ato pessoal da recordação que foi inicialmente procurada e encontrada a marca do social”. Dessa forma, para muito além da mera ilusão biográfica proposta por Bourdieu, a narrativa de Pai Paulinho impõe-se como ato criador de um sentido existencial explicitamente construído. É justamente assumindo esta dimensão criadora, que a apreensão da narrativa de Pai Paulinho ultrapassa as dicotomias entre o individual e o social, entre o real e o onírico, e se afirma como exteriorização (Berger, 1985) de sentidos, afirmadora da nossa própria condição humana.

Referências

- ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- AMBIEDA, Paulo Rogerio. *Percurso e religião*. Entrevista cedida a Marcelo Silveira. Canoas, 2019.
- AUGRAS, Monique. *A dimensão simbólica*. Petrópolis: Vozes, 1980.

- BASTIDE, Roger. *O sonho, o transe e loucura*. São Paulo: Três Estrelas, 2019.
- BERGER, Peter Ludwig. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BERNARDO, Teresinha. O Candomblé e o poder feminino. *Revista de Estudos da Religião*, n. 2, p. 1-21, 2005.
- BERND, Zilá. *A persistência da memória: romances de anterioridade e seus modos de transmissão intergeracional*. Porto Alegre: Besouro Box, 2018.
- BERND, Zilá. Memória Cultural. In: BERND, Zilá; MANGAN, Patrícia Kaiser Vargas (Orgs.). *Dicionário de expressões da memória social, dos bens culturais e da cibercultura*. Canoas: Ed. Unilasalle, 2017, p. 158-159.
- BERTAUX, Daniel. *Los relatos de vida: perspectiva etnosociológica*. Barcelona: Belaterra, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p.183-191.
- EUGÊNIO, Rodney William. *A bênção aos mais velhos: poder e senioridade nos Terreiros de Candomblé*. 92f. Mestrado em Gerontologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2012.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- ISAIA, Artur Cesar. Ordenar progredindo: a obra dos intelectuais de Umbanda no Brasil da primeira metade do século XX. *Revista Anos Noventa*, n. 11, p. 97-120, 1999.
- ISAIA, Artur Cesar. Umbanda: a exegese da magia. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 5, n. 14, p. 71-81, 2012.
- ISAIA, Artur Cesar. Direitos Humanos e diálogo com o século XXI na Carta Magna da Umbanda. *Revista História: Debates e Tendências*, v. 19, n. 1, p. 124-134, 2019.
- LANDES, Ruth. *A cidade das mulheres*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- LAPASSADE, Georges. La Macumba. Une contre-culture en noir et rouge. *L'homme et société*, n. 22, p. 147-170, 1971.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- OLIVEIRA, Maria da Glória. Quem tem medo da ilusão biográfica? Indivíduo, tempo e histórias de vida. *Topoi*, v. 18, n. 35, p. 429-446, 2017.
- ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- PRANDI, Reginaldo. O Candomblé e o tempo. Concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões Afro-Brasileiras. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 16, n. 47, p. 43-58, 2001.
- PRANDI, Reginaldo. *Segredos guardados: orixás na alma brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papyrus, 1994.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Campinas: UNICAMP, 2007.
- SILVA, Marlise Vinagre. Gênero e religião: o exercício do poder feminino na tradição étnico-religiosa iorubá no Brasil. *Revista de Psicologia da UNESP*, v. 9, n. 2, p. 128-137, 2010.
- VERGER, Pierre. *Culturas africanas*. São Luís: UNESCO, 1986.